

ANO XXVII  
1987  
9038  
Progo 1900

# DIÁRIO POPULAR

LISBOA  
8.-Feira  
14  
Dezembro

Director: MARTINHO NOBRE DE MELLO

Editor: R. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Sede: Rua Luz Soriano, 67 — Telef. 328291/5 (P. P. C. A.) — 328295 - 34630 - 34639 (Redacção) — 328297 (Publicidade)

## APÓS O MALOGRO DA TENTATIVA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA

# O REI CONSTANTINO REFUGIOU-SE EM ROMA

ROMA, 14 — Depois de ter jogado e perdido o trono, numa tentativa para derrubar o regime militar da Grécia, o rei Constantino — já destituído pelos governantes de Atenas — chegou esta madrugada a Roma, onde, abatido e com lágrimas nos olhos, começou o seu exílio.

a rainha-mãe Frederica, e Constantino Kollias, que foi primeiro-ministro da junta Militar grega e agora perdeu o cargo. A bordo do bimotor militar grego encontrava-se também a princesa Irene, irmã do soberano.

Quando lhe pediram para comentar os acontecimentos, o rei limitou-se a dizer, com lágrimas nos olhos:

— Nada tenho a dizer neste momento.

De aspecto cansado e com a barba por fazer, olhava fixamente em frente, ignorando as outras perguntas que lhe eram dirigidas.

Constantino e os seus familiares seguiram, depois, para a Embaixada grega em Roma, onde ficaram provisoriamente instalados. — (ANI e R.L.)

(MAIS NOTICIÁRIO NAS PAGINAS 11 E 20)



A quarenta anos da publicação do primeiro número de «Presença», folha de arte e crítica, dirigida e editada por Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões e José Régio, evoca-se um movimento literário e artístico de grande repercussão nos meios cultos do nosso País.

Ler, hoje, o nosso suplemento «Quinta-feira à tarde».

A Rainha Ana Maria, da Grécia, segura firmemente a sua filha Alexia, no momento em que arranca o automóvel que a levou do aeroporto de Roma para o Embaixada grega na capital italiana. A direita vê-se a Rainha Frederica. No mesmo carro seguiu também Constantino. (Telefoto especial para o «Diário Popular»)

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Hoje  
44 páginas

**FLORENÇA E LAS PALMAS**  
— brilhante jornada do futebol português

Ler nas págs. 17 e 19 comentários de AURELIO MÁRCIO e LEON GRAU

**O INCÊNDIO DO TEATRO AVENIDA**

# ESTÃO A FAZER-SE ESFORÇOS PARA DAR A AMÉLIA REY COLAÇO UM PALCO EM QUE POSSA REPRESENTAR

Está mais pobre o Teatro Português. Depois do D. Maria II, o Avenida,

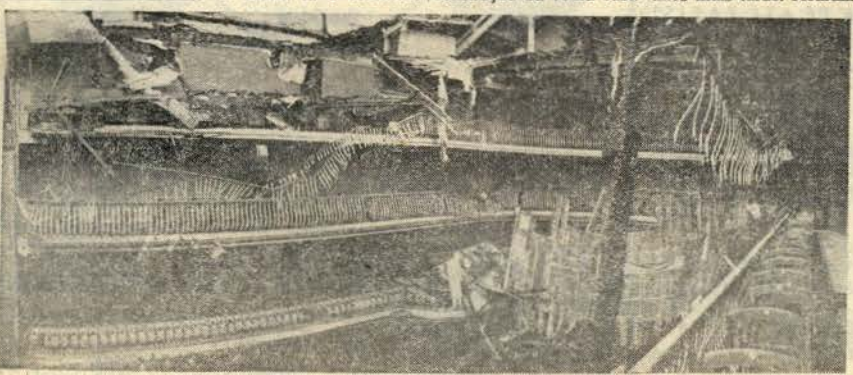
que se transformara em teatro do Estado até à reconstrução da velha casa de Garrett, foi também de Garrett, foi também pasto das chamas três anos mais tarde. Ficaram

destruídas as esperanças de uma época brilhante e frutuosa para os artistas que nela trabalhavam — os mesmos que em Dezembro de 1964 foram brutalmente atingidos pelo incêndio que arrasou a prestigiosa casa de espectáculos do Rossio.

Um curto-circuito — admite-se — foi a causa deste novo drama que atinge o nosso Teatro. Em menos de duas horas as labaredas reduziram o Avenida a um montão de escombros, quando ontem, por volta das 21 horas, a sua sala se preparava para receber o público que assistiria à terceira representação da peça «Feliz aniversário».

bre, ainda, o Teatro Português. Do futuro da velha casa de espectáculos da Avenida é cedo para falar. Uma Companhia está em palco para trabalhar, até surgir uma solução de emergência. Mas esta surgirá, inevitavelmente. Fazem-se para isso esforços, num grande movimento de solidariedade.

(LER REPORTAGEM NAS 7.ª, 9.ª, 10.ª e 13.ª PÁGS.)



Aquilo que foi o Teatro Avenida era esta manhã uma ruína

## AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco predominando de leste; neblina às nove horas locais durante a noite e manhã. (Previsão da Serviço Meteorológica)

JUNTO DE AMÉLIA REY COLAÇO, NAS LONGAS HORAS DA ADVERSIDADE

VOLTAREMOS A REPRESENTAR, SEJA ONDE FOR — propósito unânime de uma Companhia unida pelo infortúnio

Um automóvel negro, pouco depois das 21 e 15 de ontem, circulava, discretamente, ao longo da rua Joaquim António de Aguiar, em direcção ao Marquês de Pombal. Dentro, muito serenas, Amélia Rey Colaço e sua filha, Mariana Rey Monteiro. À frente, o motorista Baillão, atento ao trânsito. As duas mulheres, dois exemplos de serenidade e de amor ao teatro, falavam de banalidades. Apesar de tudo, havia no seu rosto um traço de tranquilidade. A época apresentava-se animadora para a exploração do Avenida. Duas peças, dois êxitos. A primeira da temporada, «Equilíbrio Instável», rendera tanto em três semanas como todas as do ano anterior.

Varela Silva, um dos mais directos colaboradores de Amélia Rey Colaço, dizia-nos:

— Esta era a nossa época. A época da recuperação.

Em «Equilíbrio Instável», por detrás dessa aparente indiferença do público pelo teatro, estava o génio da empresa e a tenacidade de Amélia Rey Colaço. Fora ela quem descobria o autor. E como? Foi ainda Varela Silva quem, nas longas horas que ontem passaram num primeiro andar da rua de S. Domingos à Lapa, enquanto o fogo calcinava os restos do Avenida, nos confidenciou:

— Amélia Rey Colaço é inigualável. Apesar dos seus cinquenta anos de teatro, mantém uma frescura de espírito invejável. Na sua ânsia de procurar um repertório moderno e audacioso, descobriu, um dia, que Vivian Leigh se interessara por uma peça do um tal Albee. «Esta mulher — disse-nos ela, referindo-se a Vivian Leigh — sabia muito de teatro. Se ela se interessou pela peça é porque tem interesse. Vamos saber onde está. Foi a sua tenacidade que lhe permitiu descobrir, em Inglaterra, os representantes de «Equilíbrio Instável». E, como sempre, ela encontrara o caminho certo, a sua intuição fora distinguida. O nosso «Equilíbrio Instável» conquistou, em Lisboa, um êxito invejável e a nossa Companhia teve um início de época brilhante, não só sob o ponto de vista artístico como financeiro.

Passava, pois, das 21 e 15 quando um automóvel negro entrou no Marquês de Pombal. Amélia Rey Colaço e sua filha tinham decidido ver «Camelota», no Monumental. De tarde, mandaram comprar bilhetes e pretendiam, antes de ir ao cinema, passar pelo seu teatro.

Foi ao entrar no Marquês de Pombal que Mariana, apertando o braço de sua mãe, lhe disse: — Mãe: há labaredas na avenida...

Elas viram, de repente, uma grande mancha alaranjada polvilhada de faúlhas incandescentes.

— Que será? — perguntou Amélia Rey Colaço sobressaltada.

— Vamos ver. O automóvel começou a rodar mais velozmente. Uma certa inquietação passou a tomar conta das duas mulheres, enquanto Baillão, também inquieto, tentava descer a avenida da Liberdade.

— Parece ser no Trivoli — disse, a certa altura, Amélia Rey Colaço, como se quisesse afastar para longe um terrível sobressalto.

— Parece que sim, mãe — disse-lhe Mariana, para a tranquilizar.

Nessa altura, um polícia, com gestos nervosos, mandou parar o carro.

— Encoste à direita — disse ele. — Há fogo no Teatro Avenida...

As duas mulheres ficaram vividas. Mariana agarrou fortemente o braço da mãe. Este exclamou:

— Meu Deus! Ao mesmo tempo, abriram a porta do carro. A ilustre atriz sentiu dentro de si novas forças. Desordenadamente, correu as duas ao longo da artéria, que parecia não ter fim. E, depois, foi o início de um longo sofrimento, de um sofrimento

Em bem as lágrimas de uma mulher só, as lágrimas que não deixaram de aparecer com violência nos olhos do dedicado Baillão.

— Pobre senhora — dizia ele, mais tarde, no pátio da casa de Mariana Rey Monteiro, passando como um autómato, sob a escuridão de uma noite fria. — Tanto sofrimento!

Foi para casa de sua filha, no primeiro andar do prédio onde estão instalados os serviços da Radiotelevisão Portuguesa, que Amélia Rey Colaço se deixou conduzir. Daí a momento chegava sua filha. E, por aquele pequeno jardim escuro que antecede a porta da entrada, começaram a desfilar, compungidos, amargurados, sem palavras perante o drama, os familiares e os amigos de uma mulher sofredora, que precisava de uma palavra de carinho.

«Não sei se tenho forças...»

Amélia Rey Colaço, com olhar vago, subiu lentamente a escada do seu refúgio familiar onde tem vivido alguns momentos felizes, ao lado de Mariana Rey Monteiro e dos netos: a Maria Rita, que está no sexto ano do liceu; o Francisco, que está na Faculdade de Direito; e o Manuel, que frequenta a Escola Superior de Belas-Artes, já lá estavam todos. Eles sabiam que o seu lugar era ali, naquela grande sala, ao lado de Amélia Rey Colaço. Depois chegaram o director do teatro, dr. António Leônidas; Fernando Frago;葆inda Portugal; Bernardo Santarém; Varela Silva; David Mourão-Ferreira; Artur Ramos; José de Castro; Síndico Filipe; Lúcio Norberto; Paiva Raposo; o administrador do teatro, dr. Duarte Boia; o eng.º Armando Ferreira e a mulher; o dr. Castro Freire, cunhado da atriz; Lucien Donat. Minuto a minuto abria-se aquela porta, onde pairava um ambiente de tragédia.

E Amélia Rey Colaço? Como reagia a «velha senhora» ao golpe terrível do infortúnio?

— Sem palavras — disse-nos Varela Silva. — Sem palavras. Francisco, o neto da atriz, deambulava pela casa. Com voz lenta disse:

— O que eu estranho é que ela não chora. A minha mãe já lhe disse: «Chore, mãe; chore à vontade. Mas a minha avó não quer chorar.»

Amélia Rey Colaço era a expressão viva do desgosto. Ainda não tirara de cima dos ombros a Romeira que levava no automóvel negro, quando o polícia mandou parar o carro na avenida. Sentada a um canto, distante, Amélia Rey Colaço amargurava, com aquele silêncio, os que a rodeavam.

Varela Silva adiantou-se timidamente, mostrou um ar sorridente e disse:

— Devemos continuar. Somos todos novos...

Então, a «velha senhora», alquebrada, com voz distante, respondeu:

— Não sei se tenho forças... Aquelas palavras caíram como gelo. Todos pensaram que era um milagre aquela mulher

ainda estar viva. No Avenida estava tudo: os seus sonhos, os seus derradeiros sonhos de mulher do teatro, inclusive o seu dinheiro.

Alguém, ciclando, explicou: — O Estado dá, por ano, 1200 contos. Mas a exploração tem de ser rentável. Ao contrário do que muita gente imagina, aquele dinheiro chega a ser metade dos encargos. A sr.ª D. Amélia está empenhada, neste momento, em muitas centenas de contos. Ela esperava recuperá-los este ano. E estava tudo a correr tão bem. O público voltara, confiante a, quer o «Equilíbrio Instável» quer o «Felix Aniversário», eram duas peças de êxito. Isto é uma tragédia...

Os actores falavam em hipóteses de continuar. Todos diziam que deviam continuar. Pedro Lemos chegou nessa altura. Iniciara-se o rescaldo e o grande imediato alquebrado, fora junto do acapilão. O encontro dos dois não chegou a ser emocionante. Eles não podiam repetir as palavras de há três anos, quando o fogo destruiu o D. Maria II. Eles olharam-se, sem palavras, distantes.

— Que tragédia! Que tragédia! — dizia depois Pedro Lemos, abatido, vagueando pela sala.

Foi muito tarde que Amélia Rey Colaço começou a sair daquele torpor. Reunindo todas as forças de que dispunha, pediu que a levassem ao Avenida. O mesmo automóvel negro cruzou a cidade silenciosa. Duas horas da manhã. A grande atriz olhou as paredes calcinadas do seu teatro. As lágrimas correram-lhe então pela face.

— Não quero ver mais — disse ela.

Com os olhos vermelhos de chorar, duas velhas criadas abriram pouco depois a porta da rua Ribeiro Sanches, 28, em cuja fachada se lê: «Nesta casa viveu Alexandre Rey Colaço, de 1894 a 1928, ano em que faleceu». É ali que vive Amélia Rey Colaço. As criadas, companheiras de muitos anos, abraçaram-na. As três choraram, durante alguns momentos. Depois, foi o silêncio. A atriz tomou alguns calmantes para dormir. O despertar a ser terrível.

Duas ruas adiante, na de S. Domingos à Lapa, as luzes não se apagaram, porém, uma outra atriz, impulsionada pela tensão nervosa, lutava pela sobrevivência. Mariana Rey Monteiro, rodeada pelos actores da companhia, traçava planos para o futuro.

Já de madrugada ouviu-se uma voz:

— Voltaremos a representar, seja onde for. Ao ar livre, mesmo que seja numa feira... Amélia Rey Colaço não verá morrer a sua Companhia...

E eles estão dispostos a fazê-lo. Eles querem minorar o sofrimento de uma mulher que é a expressão do próprio teatro, uma mulher que nem deixou de ser a grande personagem de uma autêntica tragédia da vida...

N. R.



O drama repete-se: Amélia Rey Colaço, envolvida por artistas e admiradores, chora amargamente a perda do outro dos «seus» teatros

MARIANA REY MONTEIRO: «Minha mãe continuará a dirigir a Companhia»

Mariana Rey Monteiro teve a amabilidade de falar, esta manhã, com um redactor do nosso jornal. Muito combalida, a distinta actriz disse-nos: — Estamos todos ainda inactivos. A noite de ontem foi terrível e deixou-nos alquebrados. É claro que pensamos continuar a representar. — No caso de sua mãe não estar em condições, pensa-tou em a direcção da Companhia? — inquirimos.

— Estou certa de que minha mãe continuará a dirigir-nos — disse Mariana Rey Monteiro. — Ela tem uma resistência invulgar, é uma mulher extraordinária e vencerá mais este golpe do infortúnio. Contamos com o auxílio das entidades oficiais, do público, dos jornais, para prosseguirmos. Não será preciso — estou certa — que seja eu a tomar sob os meus ombros tão grande responsabilidade.

Mariana Rey Monteiro disse-nos ainda que Amélia Rey Colaço estava muito abatida.

— Chamámos o médico esta manhã. Ele recomendou que minha mãe se mantivesse no leito até recuperar as forças, tão duramente atingidas.

A actriz acrescentou que, durante o dia de hoje, não haverá qualquer reunião dos actores.

— Aguardamos — disse — a orientação que nos será dada pelo sr. ministro da Educação Nacional.

patético, expresso nos rostos desfigurados de duas mulheres habituadas às contrariedades e aos desgostos e que, apáticas e quase inertes, vêm as chamas a devorar o seu teatro.

As lágrimas de uma mulher só

Foi tudo muito rápido. Amélia Rey Colaço quase não se deu tempo de se despedir do Avenida. Era tudo terrivelmente trágico para que ela pudesse reagir. Josefina Silva e seu marido, o actor António Silva, aconselharam-na a regressar a casa. Cecília Guimarães e outros actores chegaram junto dela a chorar. Foi um quadro fugaz. Amélia Rey Colaço, vendo as chamas a devorar o telhado, perdeu todas as esperanças. Lentamente, amparada por Josefina Silva e António Silva, começou a subir de novo a avenida ao encontro do seu pequeno carro negro. Momentos depois, rompia a chorar.

ANDARES
VENDEM-SE EM MUITO BOM LOCAL DE BENEFICIA, C/ 2 E 3 CASAS ASSOALES, HALL, COZ., DESP. E 2 CASAS DE BANHO, MADEIRAS E LOÇAS DE COZ, ETC. MOSTRAM-SE TODOS OS DIAS NO LOCAL AV. DO URUGUAI LOTE 1345, PROLONGAMENTO DA AV. GOMES PEREIRA.
TRATA
F. Fernandes & Costa, Lda.
Av. Almirante Reis, 104, 2.º — Telef. 536111/2/

PRÉDIO
POR 2.700 CONTOS, EM LISBOA, SÓ HABITAÇÃO, 4 e 5 assoalhadas por inquilino, magnífica construção, bons acabamentos, composto de r/chão e 3.º andar, direito e esquerdo, a render 288.000\$00.
TRATA UNIÃO EBORENSE
Av. Almirante Reis, 95, 1.º, Drl.º — Telef. 45723-536346

SE VAI AO ALGARVE NÃO DEIXE DE VISITAR A PRAIA DE ALVOR
SE GOSTAR ASSEGURE ALI AS SUAS FÉRIAS
PRESTAM-SE TODAS AS INFORMAÇÕES:
NA SEDE — PRAÇA JOSÉ FONTANA, 17-3.º
TELEF. 45543 - 52986
E NO LOCAL

# O incêndio do Teatro Avenida SALVOU-SE O ESPÓLIO MAIS IMPORTANTE DA EMPRESA MAS PERDEU-SE O MATERIAL CÊNICO DAS TRÊS ÚLTIMAS ÉPOCAS

O Teatro Avenida foi modernizado há menos de três anos, por Amélia Rey Colaço. Ali investiu a grande e corajosa artista cerca de mil contos. Mil contos agora em escombros irrecuperáveis, pois são os projectores, algumas filas da plateia e pequenos lustres do corredor escaparam à zona de perigo do incêndio. Mas há que adicionar a essa importância uma outra, impossível de avaliar devidamente: a do custo de todo o material do censo e do parte do guarda-roupa, praticamente destruído, pois salvaram-se apenas algumas peças que se encontram nos camarins dos actores.

As instalações do Avenida, por originais, não podiam albergar todo o guarda-roupa da companhia, de grande valor, com peças conhecidas historicamente e que se encontram guardadas num armazém da rua do Telhal. Também, as obras litográficas ali representadas não requeriam vestuários e cenários

multo caros, por serem contemporâneos. Salvou-se assim, felizmente, valioso espólio.

A pesar de o material destruído ser de menor valor do que aquele, as chamadas consumiam ou, simplesmente, inutilizaram outro que correspondia às últimas três épocas de exploração do Teatro Avenida e que, só por si, atinge importância considerável.

O incêndio não atingiu as caves onde estão instalados as oficinas do carpinteiro e os camarins dos artistas. Porém, nas oficinas, os prejuízos são consideráveis, pois, na primeira das referidas secções, a água chegou a atingir um metro de altura, inutilizando algum material. Nos camarins, algum vestuário dos actores e peças do companhia ficaram também inutilizadas, mas os danos não são muito graves.

No sótão do teatro, por cima do salão, estava instalado o atelier de pintura, onde estavam a executar-se os cenários da comédia «O Anjo de Chapéu de Polícias, que vai estreiar-se no Capite

lo, e da revista «Pois...», a saber à cena no Variedades, além dos que deviam figurar na peça intitulada «Pimplicitas, que deve apresentar-se no Monumental, na próxima quinze de Natal e Ano Novo. O fogo, a água e o derrocado do teatro destruíram tudo.

## É cedo ainda para se saber o futuro do Teatro Avenida

— É muito cedo ainda para se saber o que vai fazer-se. Estas coisas não podem resolver-se assim com pressa.

Isto é o que nos foi dito hoje de manhã, em casa do sr. Carlos Tavares, que, como se sabe,

é o proprietário do edifício do Teatro Avenida. Tendo-se posto a hipótese de que, praticamente destruído no incêndio de ontem aquele sala de tantas tradições, não seria encarada a construção de outra. Procuramos saber se a esse respeito existia já uma decisão, embora não desconhecêssemos que o sr. Carlos Tavares, em consequência da sua idade avançada e do seu estado de saúde, fora ontem possuído a triste notícia.

O destino do que resta do Teatro Avenida e do terreno em que se encontra não foi ainda, porém, traçada. E a pessoa de família do sr. Carlos Tavares, que nos recebeu, acrescentou:

— Não o informámos ainda do que aconteceu. Os senhores têm pressa de saber o que vai fazer-se, mas nada podemos dizer por enquanto...

## UM NOVO TEATRO PARA AMÉLIA REY COLAÇO O MINISTRO DA EDUCAÇÃO VAI INICIAR DILIGÊNCIAS

O ministro da Educação Nacional, prof. Galvão Teles, em visita esta manhã à seguinte curta à actriz Amélia Rey Colaço.

Exmo. Senhor D. Amélia Rey Colaço: É ainda devida da emoção causada por esta nova fatalidade — a perda do Teatro onde estava a actuar, depois da destruição do Teatro Nacional D. Maria II — que escrevo estas palavras, para significar como acompanh

o seu desgosto e o de todos os seus colaboradores, que sentimos profundamente.

Sabe V. Excia. que me interesse tenho sempre seguido a acção da sua Companhia, que vinha, praticamente este ano, fazendo particular esforço no sentido de se valorizar ainda mais. Sabe o vivo empenho que pus em proporcionar à Companhia, depois do anterior tragédia, as melhores condições possíveis para prosseguir a sua notável obra cultural.

Pois o mesmo é agora o meu estado de espírito: fazer quanto esteja ao meu alcance para que a Companhia, com o mínimo de perturbação e o mais depressa possível, venha de novo até junto

do público, oferecendo-lhe os frutos do seu probro e competente labor. Nesse sentido vou o Ministério da Educação Nacional iniciar prontamente diligências, independentemente do interesse que continuará a acompanhar os trabalhos relativos à reconstrução, necessariamente demorada, do Teatro D. Maria II.

Acilite, minha Senhora, a sentida expressão da minha mágoa nesta triste conjuntura. Muitos cumprimentos da

INOCÊNCIO GALVÃO TELLES

## UMA COMISSÃO DE INQUÉRITO para apurar as causas do incêndio

Os trabalhos de rescaldo no Teatro Avenida começaram cerca das 3 horas da madrugada, tendo sido dados por concluídos pelo comandante do B. S. B., coronel Rogério Cansado, às 10 horas de hoje.

Contudo, e enquanto pessoal especializado dos bombeiros, auxiliado por elementos do Teatro Avenida, esgotava a água acumulada nas oficinas de carpinteiro e nas caves permaneceu de prevenção no local um piquete até cerca das 13 horas.

Entretanto, ainda esta manhã esteve no teatro uma comissão de inquérito, para apurar as causas do sinistro. Embora a mesma comissão se não tenha pronunciado em definitivo, a opinião dos peritos é de que o incêndio foi provocado por curto-circuito.

Pessoal da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro compareceu logo que os bombeiros de ram por finda a sua actividade, a retirar todo o material aproveitável, fazendo-se a recuperação à medida que os escombros foram sendo removidos.

### O «DIÁRIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA TODO O MUNDO NOS AVIÕES DA «P. A. A.»

o preferido em Franca e no mundo

**COGNAC MARTELL**

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: SILENO SOCIEDADE DISTRIBUTORA DE BEBIDAS, LDA. L. CORPO SANTO, 8-1 - LISBOA - TELÉF. 33029-33036 R. DO CABO SADO, 3-V, N. GAIA - TELEFONE 39 39 55 RUA 15 DE DEZEMBRO - LOULÉ - TELEFONE 491

## EM 80 ANOS o Teatro Avenida fez as delícias de muitas gerações

Iria fazer oitenta anos em 11 de Fevereiro próximo o teatro ontem consumido pelas chamas. Com efeito, foi naquele dia de 1888 que o Teatro da Avenida, como fora baptizado, se inaugurou, com a representação da comédia «De Herodes para Pilatos», de Guilherme Celestino, e da peça «O Tio Torquatos, em que se estreou a actriz Laura Godinho. Deveu-se a iniciativa da construção do teatro a Sal-

sários do Avenida, entre os quais Sousa Bastos, um indivíduo de apelido Drummond, que apresentou ali companhias francesas, espanholas e portuguesas, e depois, sucessivamente, Ciríaco Cardoso, Edmundo Cordeiro, Cíntia Polónia, Salvador Marques, Taveira, Papa, João Ricardo, D. José Sárgo, Luis Galhardo e outros. E, em 1923, o empresário José Loureiro firmou contrato de arrendamento com o proprietário do edifício, sr. Carlos Tavares, que se manteve em nome da viúva daquele empresário, passando depois para a empresa de Vasco Morgado.

## UMA ENTREVISTA com Artur Ramos

No nosso suplemento «Quinta-Feira à Tarde» publicamos hoje uma entrevista com Artur Ramos, o encenador da peça de Pinter «Felix aniversário», cuja carreira no Teatro Avenida foi interrompida pelo incêndio de ontem.

Tratase de um texto que elaboramos e paginámos com antecedência, ontem, à tarde, e que já não nos foi possível retirar das colunas do nosso jornal, por aquêle suplemento ter sido impresso logo a seguir.

Esperamos, entretanto, que a peça seja reposta. Brevemente, pela Companhia do Nacional noutra sala de espectáculos, motivo por que, apesar de tudo, as declarações de Artur Ramos permanecem válidas.

Até que ocorra o pavoroso incêndio que destruiu o Teatro D. Maria II, fez precisamente três anos no passado dia 2 do corrente. O empresário Vasco Morgado pôs o Avenida à disposição do Ministério da Educação e da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. A oferta foi aceite e o Teatro Avenida, aliado, mais confortável e acolhedor, tomou o lugar provisório de teatro do Estado e reabriu em noite de gala, com a presença do Chefe do Estado, em 6 de Fevereiro de 1965, com a peça «O Motim», de Miguel Franco.

Neste, a grande Palmira Bastos repôs o Avenida à disposição do Ministério da Educação e da Companhia Rey Colaço por recentemente homenageada pelos seus cinquenta anos do teatro, recebendo do sr. Presidente da República a comenda da Ordem do Cristo.

A peça de abertura da presente temporada do Avenida fora «Equilíbrio Instável», a que se sucederá «Felix Aniversário», estradado no segunda-feira passada. Deu-se duas noites. Com ela se assinala dramaticamente o epílogo de um teatro que durante quase oitenta anos deu espectáculos de todos os géneros e fez as delícias de muitas gerações.

## A FALTA DE ÁGUA AFECTOU (POR MOMENTOS) a acção dos bombeiros

Circularam ontem, durante o ataque ao incêndio e já durante a fase de rescaldo, as mais diversas versões quanto à origem do sinistro. Segundo uns, teria conotado em consequência do rebentamento da lâmpada de ensaios, que em movimento oscilatório provocado pelo vento embateu numa umbreira de madeira e explodiu. Segundo outros, dever-se-ia à presença de um calorífero no palco. Afirmou-se ainda que a causa fora o sobreaquecimento de todo o sistema eléctrico, o qual teria provocado um curto-circuito.

Procurado hoje de manhã pelo «Diário Popular», a fim de esclarecer qual destas versões corresponderia à verdade, o coronel Rogério Cansado, primeiro comandante do B. S. B., não confirmou qualquer delas, acrescentando:

— A origem exacta do fogo continua por determinar. Presume-se, contudo, que se deva a curto-circuito.

Ouviram-se também ontem, com insistência, reparos ao sistema de abastecimento de água às mangueiras, que segundo se dizia foi muito deficiente, comprometendo os esforços dos bombeiros. A este respeito foi-nos dito pelo coronel Rogério Cansado, ontem mesmo:

— Inicialmente, não houve falta de água para desenvolver o primeiro ataque. Posteriormente, durante cerca de cinco a dez minutos, tivemos efectivamente difi-

**PIAGET**

O RELÓGIO MAIS CARO DO MUNDO E TAMBÉM O MAIS SELO

O ÚNICO RELÓGIO AUTOMÁTICO EXTRA-PLANO

EXCLUSIVAMENTE NOS MELHORES JOALHEIROS DO MUNDO

EM PORTUGAL

JOALHEIROS 253, RUA ÁUREA, 255 LISBOA

O RELÓGIO PREFERIDO EM TODO O MUNDO PELA ALTA SOCIEDADE

# Solução provisória para a Companhia de Amélia Rey Colaço

Vasco Morgado, homem de teatro, foi um dos primeiros a aparecer, junto do Avenida, logo que soube que havia fogo. O conhecido empresário, que tinha a concessão daquela sala e já accorria a prestar auxílio à Companhia de Amélia Rey Colaço quando se destruiu o D. Maria II, voltou, ontem, a manifestar a sua pronta solidariedade para com os colegas. Ele propõe-se ceder a Amélia Rey Colaço o Teatro Capitólio, onde José de Vasconcelos

termina, no domingo, os seus espectáculos, e enquanto não se estreia ali a Companhia do Teatro Alegre, com Henrique Santana.

Vasco Morgado está, também, disposto a ceder à Companhia de Amélia Rey Colaço a sala do Teatro Monumental, estando, por exemplo, esta Companhia riuma das sessões e a Companhia de Laura Alves, com «A Flor do Cacto», na outra.

Varela Silva, interrogado a este propósito, disse que, uma vez que se salvou o guarda-roupa dos actores, estes poderão representar «Equilíbrio Instável» e «Feliz Aniversário dentro de cinco dias».

Para este Natal

escolha os livros

## VERBO JUVENIL

Enciclopédia do Reino Animal

A mais esgotada e acessível obra ilustrada sobre o maravilhoso mundo animal. 12 volumes. Cada: 50\$00

Enciclopédia Verbo Juvenil

A condensação do saber universal, numa atractiva apresentação gráfica. 12 volumes. Cada: 50\$00

O Mundo em que Vivemos

Novo método de aprender a Geografia, com mapas de todos os países do Mundo. 8 volumes. Cada: 50\$00

História de Portugal

Um tema de interesse permanente, apresentado de maneira inteligível aos jovens. 2 volumes. Cada: 50\$00

Ver e Saber

Maravilhas do Mundo e do Cosmos. Cada volume, um tema; cada tema, uma revista. 28 ilustrações. Cada volume: 30\$00

Biblioteca da Juventude

Dezenas de volumes, desde a pura recreação até à investigação científica e às biografias dos grandes vultos. Cada volume: 30\$00

A Colher de Pau

A primeira enciclopédia de cozinha da jovem moderna. Um volume e o seu de receitas. Preço: 50\$00

Grande Bíblia Ilustrada

A obra mais lida no mundo, numa apresentação que faz dela um verdadeiro livro de arte. Preço: 70\$00

VERBO editores melhores

# Notícias da Capital e Província

## ATRIBUÍDO A UM PEQUENO ANGOLANO (que salvou duas pessoas da morte) O PRÊMIO VALE FLOR

O caso passou-se em Chieundo, Alto Cuanza, Angola: um rapto de 12 anos, José Chimunga, viu seu tio, Joaquim Dapongo, e o irmão deste lutarem com um leão, que o segundo já atingira com uma flecha, depois de o fera ter saído do curral de um vizinho, onde se introduzira. Quando os dois homens, já feridos, o segundo gravemente, sentiam as forças fugirem, José Chimunga atacou o

leão com um javite, partindo-lhe a coluna vertebral em vários pontos, resultando desse seu acto a fera ter sido morta e os seus parentes salvos.

Por este acto ganhou o pequeno Chimunga o prémio de José Luis de Vale Flor deste ano.

A Fundação Vale Flor, cuja administração foi confiada ao Montepio Geral pela sua tementeira fundadora, a marquesa de Vale Flor, que a instituiu para perpetuar a memória e as qualidades morais de seus filhos, Jenny de Vale Flor e José Luis de Vale Flor, vai premiar, assim, mais um jovem herói, escolhido de entre 23, cujos feitos chegaram ao conhecimento da direcção do Montepio, alguns por informações fornecidas por entidades oficiais e por diversas pessoas mas a maior parte por notícias publicadas pela imprensa.

O júri foi constituído pelos srs. dr. António da Cruz Barreto, dr. José Guerreiro Mur-

UMA CONFERENCIA

do professor Teixeira Pinto

O prof. Teixeira Pinto, antigo ministro da Economia, catedrático do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e vice-governador do Banco de Fomento Nacional, profere amanhã, às 21 e 30, na sede da Liga dos Amigos Graduados da Mocidade Portuguesa uma palestra, seguida de diálogo sobre assuntos da sua especialidade.

A conferência é reservada a socios da L. A. G.

Conferências por um catedrático francês

Num dos anfiteatros da Faculdade de Letras de Lisboa, o prof. Georges Duby, do estabelecimento congénere em Aix-Marseille, profere esta manhã, uma conferência sobre o nascimento da arte gótica. A directora da Faculdade, prof. dr. Virginia Rau, feres a apresentação do orador. Estavam presentes muitos professores e alunos e membros da representação francesa em Lisboa.

O prof. Georges Duby fala mais uma vez amanhã, no mesmo local, às 11 horas. O tema desta segunda lição será «A nobreza e a cavalaria em França, nos séculos XI e XIII,

la e general Alfonso May.

O prémio Alfonso de Vale Flor não foi atribuído este ano, porque os actos praticados por rapazes que chegaram ao conhecimento do Montepio, embora dignos de louvor, não puderam enquadrar-se no espírito dos estatutos da Fundação.

A sua importância juntar-se-á à do prémio de 1968 que no próximo ano se desdobrará se houver candidatas.

Fiel sua coragem, abnegação, espírito de esforço e de solidariedade humana, o pequeno José Chimunga vai receber vinte e dois mil escudos.

## O CORREIO AÉREO NA QUADRA DO NATAL

Por motivo das festas do Natal e Ano Novo, várias companhias de aviação alteram os horários das suas linhas.

Por isso a Administração-Geral dos CTT recomenda ao público a contratação de agenciador de correio aéreo com a maior antecedência sobre as horas-limite normais a fim de se poderem aproveitar as condições que eventualmente tor possível organizar.

As alterações referidas afectam, principalmente, as expedições dos dias 22 a 26 de Dezembro e de 31 de Dezembro a 2 de Janeiro.

## Notícias Pessoais

### CASAMENTO

Na Igreja de S. Marcos, em Calhandriz, consorciou-se o antigo ciclista do Sporting, Albano Ferrer, com a sr. D. Maria Cesimira Correia Duarte. Foram padrinhos, por parte do noivo, o futebolista eleonino João Lourenço e sua esposa, D. Ana Maria Moura Lourenço; e, por parte da noiva, o sr. Fernando Ribeiro e a menina Maria Augusta Ferreira.

AS TERÇAS E SABADOS LEIA «RECORD»

# A CAMPANHA DO «NATAL DO SOLDADO»

## TERMINA AMANHÃ

Encerra-se amanhã o prazo de entrega dos donativos para a campanha do «Natal do Soldado». Durante os dois últimos meses correspondeu a esta iniciativa, por forma entusiástica, importante e representativo sector do público.

Efectivamente — mais de uma vez o afirmámos nestas páginas — se é certo que, numa campanha com as características desta, in-

teressa o montante conseguido para os fins em vista, não menos importante é conseguir que o conjunto de todos os que ao «Natal do Soldado» dão a sua adesão constituia parcela significativa do povo português. Só assim poderá este movimento generoso, patriótico e fundamentalmente humano corresponder a uma autêntica expressão nacional, como se deseja.

Por tudo isto, a campanha não poderá deixar de registar, até ao último dia, a regular chegada dos precisos donativos às sedes do Movimento Nacional Feminino e da Secção Auxiliar Feminina da Cruz Vermelha Portuguesa ou ainda à sucursal do «Diário Popular» no largo de S. Domingos.

## CONTINUAÇÃO DO TEMPO FRIO

O frio mantém-se. As temperaturas registadas às 9 horas de hoje, em várias localidades do Continente, foram um pouco mais elevadas do que as de ontem, mas a diferença não é muito sensível. Assim, em Lisboa, o termómetro voltou a marcar 5 graus (ontem 4), em Portalegre e em Faro 6 (ontem 5); e em Coimbra e no Porto a temperatura aumentou um grau (ontem, 8 e 2). Nas Penhas Mouradas, onde ontem às 9 horas havia dois graus, o termómetro desceu para dois abaixo de zero; e, em Bragança, para zero.

## AO TÁXI

que às 18 horas do dia 12 transportou senhora des- de Barata Salgueiro até Stand Triumph, na Rua Castilho o favor de comunicar para 533500.

## COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que desapareceram em combate na provincia da Guiné os soldados 01025765, José Miranda, natural do Canelo de Vila Franca e filho do sr. Eduardo Miranda e da sr. D. Rosa Pereira de Miranda, e 99852166, António Pires Correia, do concelho de Alijó e filho da sr. D. Teresa Pires Correia.

## RESTAURANTE

ILHOTA  
Amanhã: BACALHAU A ILHOTA  
Rua Ilha do Pico, 19 e 21  
Telef. 49063

## CASA—ALUGA-SE

4 ASSOALHADAS, ÓPTIMO LOCAL.

RUA NOVA DO CALHARIZ, 34-2.

Telefone 323861

## Os Novos Ford 17M e 20M para 68



## EM EXPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

STAND MODERNO

Rua João Saraiva, 15 — Telef. 7110 66/9  
Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A — Telef. 4 96 69

LINCURI, LDA.

Av. da República, 32-A — Telef. 77 70 91

ABERTO ATÉ ÀS 24 HORAS

## PORTUGAL NO ROSSIO

SALAO DE CHA-RESTAURANTE

APRESENTA — ALÉM DA SUA FINÍSSIMA PASTELARIA

### BOLO REI — Amassado com Chamonhe

Para ofertas de grande categoria ou para proporcionar no encanto do ambiente familiar o prazer da expectativa e emoção, tem BOLO REI com os brindes em ouro de lei.

BOLO REI de EXCEPCIONAL CATEGORIA QUER PELO SEU SABOR—REQUINTADO, QUER PELA RIQUEZA DAS SUAS FRUTAS CRISTALIZADAS e QUER PELO ESPLENDOR DO SEU ESPECTO.

No Brasilêria do Rossio com a sua já famosa COZINHA CE-NUINAMENTE PORTUGUESA, está servido a partir do Janeiro, todos os dias, das 16 às 19 horas!

### «O CHÁ 1900»

com a finíssima Pastelaria do «PORTUGAL»

Reservam-se desde já mesas na «BRASILEIRA» e na «PORTUGAL» para o jantar de Natal, Noite do Fim do Ano e Jantar do Ano Novo.